

O amor nos tempos de *Facebook*. Narrativas amorosas e performances de si em sites de redes sociais¹

Deborah Santos²

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

Resumo

Os sites de redes sociais representam espaços de compartilhamento que estão ressignificando o jeito através do qual as pessoas se relacionam consigo mesmas e com os outros que constituem “sua audiência”. Com a emergência destes espaços, as fronteiras entre o que era considerado como privado e como público estão sendo cada vez mais difusas, e os relatos íntimos encontram nas ágoras virtuais um terreno para se inserir em cenários públicos, reconfigurando assim o limite conceitual que restringe “o íntimo” a espaços de interação limitados em alcance. O presente trabalho é um recorte da minha pesquisa de mestrado e propõe-se entender, partindo da análise de um caso de estudo, de que maneira usuários da rede social Facebook constroem narrativas virtuais durante e após relacionamentos amorosos; usando as ferramentas da etnografia virtual como princípios de aproximação ao nosso objeto e partindo de um caso de estudo particular.

Palavras-chave: narrativas de si; performance; amor; sites de redes sociais; relacionamentos.

Introdução

“Se vocês não oficializaram o namoro no Face, para as pessoas não existe”. “Ele me bloqueou depois que o relacionamento acabou”. “Ela falava só sobre príncipes azuis no seu Face, depois que terminou o relacionamento só falava de aborto. Por que será?”. “A gente criou uma conta conjunta, pois assim garantimos que ninguém venha flertar com nós e nos causar problemas”³. Após a introjeção dos sites de redes sociais na vida cotidiana, cada vez mais esse tipo de depoimentos se faz comum em ambientes de estudo, trabalho e familiares. Não é de se estranhar o jeito com que a nossa experiência de uso das plataformas virtuais está incidindo nas práticas que desenvolvemos no contexto de diversos tipos de relações, dentre elas, as romântico-afetivas são particularmente interessantes quando se trata de *publicizar* o amor. Com a emergência das redes sociais, a questão da privacidade parece não ser um assunto que gere muita preocupação na maioria dos usuários, especialmente os

¹ Trabalho apresentado no GP Cibercultura, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda da Linha de Pesquisa “Estéticas e Tecnologias da Comunicação”, bolsista PEC-PG, Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: debrs1990@gmail.com.

³ Depoimentos de alguns informantes obtidos durante as primeiras etapas de coleta de dados e conversas informais.

setores mais jovens; os quais demonstram atitudes mais favoráveis com relação aos atos de *self disclosure* nos ambientes online, de acordo com dados publicados no site da *Pew Research Center*⁴.

Ao falarmos sobre as performances de si que usuários constroem nos seus perfis pessoais, devemos considerar que existem posicionamentos contrastantes. Para alguns acadêmicos do campo, a onnipresença tecnológica que tem se desenvolvido com a contemporaneidade está levando aos grupos humanos pelo caminho da extroversão exagerada (ROLNIK, 1997; SIBILIA, 2008). A tese defendida pelos adscritos a esta vertente reforça a ideia de que estas formas de socialização -já não tão novas nem desconhecidas- estão contribuindo com que os indivíduos se isolem cada vez mais ao mesmo tempo que as trocas que nesses espaços se realizam perdem valor se as comparamos com a comunicação cara a cara. Em outras palavras o descreve o antropólogo Daniel Miller:

Em conversações sobre o Facebook, existe um assunto comum que pertence ao medo do moderno. Trata-se do temor a nos tornar mais superficiais, a que os nossos amigos no Facebook representem um tipo de inflação que diminui o valor de amizades reais e verdadeiras. (MILLER, 2011, p. 167)

Ao indagar mais a fundo esta postura, percebemos como muitas produções contemporâneas refletem esse ânimo de condenar as relações virtuais a laços vazios que se fundam somente no desejo de *performar*, de “parecer” algo que na realidade não encaixa com essa pretensão, em outras palavras: um simulacro de *si*. Vemos aqui um interessante paradoxo: a ideia de que embora a tecnologia esteja se mostrando cada vez mais como um elemento efetivamente *embedded* (HINE, 2000) alguns dos posicionamentos acadêmicos que a desconstroem se recusam a reconhecer estes espaços como o que são: -segundo nossa visão- ambientes de sociabilidade tão legítimos quanto qualquer outro que não implique mediação tecnológica. Com o presente trabalho pretendemos nos afastar deste posicionamento que exclui as formas de socialização virtuais do conjunto de práticas de sociabilidade consideradas como autênticas e, em seu lugar, optamos por nos adscrever a um tipo de olhar que não está tão interessado em julgar aquelas práticas de construção de discursos virtuais quanto em entendê-las.

No presente trabalho iremos focar particularmente na análise de um caso de estudo onde Facebook desempenhou um papel importante na publicização de sentimentos amorosos. Esta análise constitui um micro recorte da minha pesquisa de mestrado, na qual me proponho estudar as narrativas de apresentação de si no Facebook de alguns usuários de

⁴ Mais informação disponível em: <http://www.pewinternet.org/2015/10/08/social-networking-usage-2005-2015/>. Último acesso em 14/07/2016.

Rio de Janeiro e Havana durante e após relacionamentos amorosos. Através das pautas metodológicas oferecidas pela Etnografia, os procedimentos de coleta de dados que utilizamos como recursos de entrada ao campo foram essencialmente a observação participante, as entrevistas abertas e a análise de conteúdo e de discurso, com o propósito de analisar as estratégias virtuais de apresentação de si de um jovem cubano durante e após uma experiência amorosa particular. Analisaram-se postagens realizadas durante seis meses, período durante o qual conseguimos levar diários de campo e observar diariamente o comportamento dos sujeitos envolvidos, os quais fazem parte da minha própria rede de contatos pessoal.

O amor nos tempos de Facebook

Para muitos autores a aparição dos sites de redes sociais está apagando a linha divisória entre o que deve ser considerado de interesse público e privado. Neste sentido a superexposição virtual é percebida muitas vezes como um culto ao *eu* (SIBILIA, 2008), a evidencia concreta de que estas práticas de *disclosure* são características essenciais de um indivíduo contemporâneo em solidão que busca lidar com seu isolamento na vida “real” saturando sua *timeline* com conteúdo de qualquer tipo e expondo sua intimidade ao olhar alheio. Em contraposição, vemos como a visão sobre este fenômeno se enriquece quando tentamos compreender e também matizar o que vemos na superfície (o ato de postar) em diálogo com as significações que essas postagens adquirem e as causas que as motivam:

[...] os atores sociais têm, em grande medida, controle sobre os materiais que optam por deixar visíveis nos SRSs, não se tratando, portanto, de uma hiperexposição aleatória do eu, uma vez que eles jogam com o que desejam deixar a mostra e o que desejam ocultar, performatizando discursiva e materialmente suas identidades nos sites. (POLIVANOV, 2014, p. 53)

Isto quer dizer que a superexposição virtual não é tão ingênua como as vezes se pensa, nem tão descuidada também. Existem marcadores de escolha que estão constantemente fazendo ao indivíduo avaliar até que ponto deseja se expor para a esfera pública virtual e quais os aspetos da sua privacidade que quer deixar visíveis para os seus contatos online, e esses são elementos que não podemos perder de vista. Uma primeira aproximação aos sujeitos da pesquisa (casais) através da monitorização de grupos e perfis pessoais nessa rede, permitiu identificar que usos dados da tecnologia podem causar conflitos importantes e as vezes definitivos para o curso de relacionamentos amorosos, daí que definimos como questão guia para nosso trabalho: como os casais jovens constroem

narrativas no Facebook durante e após relacionamentos amorosos? Consideramos que existe uma série de fatores que entra em jogo quando abordamos este tipo de questões, entre as quais podemos mencionar a predisposição dos indivíduos em relação à virtualidade, leia-se o seu próprio jeito de assumir a tecnologia e agir nela, e os efeitos que têm na construção das narrativas virtuais individuais o fato de estar ou não em um relacionamento amoroso, e se efetivamente esse estado influencia de algum modo o jeito das pessoas se apresentarem para os outros em público. Embora pareça pretencioso e ingênuo demais afirmar que a tecnologia *per se* não tem autonomia suficiente para dar ao traste com um relacionamento amoroso, estudos etnográficos realizados no ciberespaço corroboram que a familiaridade das pessoas com o uso das redes é diretamente proporcional à influência que as mesmas têm no desenvolvimento de relacionamentos amorosos virtualmente mediados (MILLER, 2011). Tendo em conta as possibilidades de *voyeurismo* que as redes virtuais facilitam, a necessidade de *hiper vigilância* se intensifica, ainda mais quando o sujeito se encontra vinculado emocionalmente a uma outra pessoa e esse vínculo se mantém também na virtualidade (CAMPBELL, 2005).

Baseados nisto consideramos que a presente pesquisa pode ser pertinente para entender como as redes virtuais estão afetando as relações interpessoais entre sujeitos virtualmente ativos; focando-nos particularmente nos relacionamentos amorosos e tendo como premissa a ideia de que cada ação de valor (curtida, comentário, etc.) e comportamento no Facebook reflete as estratégias de autoconstrução dos indivíduos, as quais se reforçam quando os mesmos estão em relacionamentos amorosos que de algum modo são *relatados* por eles no virtual. Isto quer dizer que o jeito dos sujeitos se manifestarem publicamente através da sua *timeline*, sua performance virtual, muda em relação a sua situação sentimental e de acordo com o tipo de relacionamento que esteja vivenciando. É nosso propósito nos aproximar melhor a esta realidade para tentar entender quais os mecanismos de construção discursiva que entram em jogo quando os atores sociais decidem se auto apresentar e apresentar seu relacionamento publicamente nas redes sociais, em particular, Facebook, e, para isso, a noção de *persona* vem a ser então um conceito chave:

Os perfis dos atores sociais no Facebook são *personas*, não no sentido de serem falsos ou enganosos, escondidos atrás de uma máscara, mas sim no sentido de serem construções ou versões de si que os atores sociais [...] elaboram performaticamente, selecionando comportamentos e materiais de acordo com a impressão que querem causar à sua audiência em determinado momento. (POLIVANOV, 2014, p.199).

Apresentação do caso L. E C.

L. é um jovem cubano de 29 anos de idade, jornalista e residente em Cuba. Entrou na pesquisa ao termos observado (como parte da sua rede de contatos) nos seus comportamentos virtuais “visíveis” uma certa disposição para exteriorizar sentimentos e acontecimentos da sua vida amorosa. Para ele, Facebook, apesar de não ser considerada uma plataforma de encontros como Badoo, hi5, entre outras, tem desempenhado um papel importante nos seus relacionamentos romântico-sexuais, tal como o mostra quando afirma: “Em algum momento da minha vida, a rede tem sido útil para conhecer pessoas que logo depois se tornaram minhas parceiras estáveis, ou simplesmente para sexo casual”. Ao mesmo tempo, em sua opinião, existe uma diferenciação entre os usos que usuários cubanos do sexo masculino fazem do Facebook, comparados a usuários de sexo feminino, sendo os primeiros os que mais a usam para “flertar”.

Em setembro de 2014 L. começou um relacionamento estável com C., naquele momento estudante de História da Arte na Universidade da Havana, Cuba. C., ao igual que L. residia em Cuba, na cidade da Havana, no momento em que eles se conheceram, porém, seus primeiros contatos prévios à oficialização do namoro começaram através das redes sociais, particularmente o Facebook.

Como sabemos, Facebook não é um site de *online dating* como muitos outros que hoje estão disponíveis na Internet, mas suas potencialidades enquanto espaço de conexão entre indivíduos e grupos tem feito da rede o ambiente propício para o *flirting* virtual. Na época em que L. e C. se conheceram, ambos estavam solteiros. Vários amigos virtuais em comum favoreceram que um dia qualquer L. recebesse uma “sugestão” feita pela própria rede para adicionar a C. à sua rede de contatos, tendo em conta que provavelmente fossem conhecidos no mundo off-line segundo os algoritmos de conexão social através dos quais Facebook opera:

Decidi enviar uma petição de amizade para ela. Depois de alguns dias de largas e boas conversas me animei a convidá-la para nos conhecer fora da rede [...] Ela não era meu tipo, fisicamente falando, por isso enviei a petição sem nenhum interesse romântico-sexual a priori, já depois fui conhecendo-a melhor, sua forma de pensar e a conversa foram tão boas que me interessei muito mais.

A partir desse momento ambos iniciaram nas suas respectivas *timelines* um processo de trocas que dava conta do que estava acontecendo com eles na ordem afetiva.

No começo as postagens expressavam uma relação de cumplicidade entre ambos os dois, se tratando de textos indiretos, declarações públicas de amor nas quais quem postava não precisava marcar o outro nem mencionar seu nome para parceiro atingido completar com algum comentário, como se mostra nas imagens abaixo:



Figura 1. Postagens realizadas por C. e L. no Facebook

Assim foi se estabelecendo uma camaradagem virtual entre o casal que deixava entrever a possibilidade de existir entre eles uma relação além da simples amizade; até o dia em que L. tomou a decisão de oficializar o namoro no Facebook e isso deixou de ser uma suspeita para as pessoas que acompanhavam diariamente essas expressões de afeto:



Figura 2. Oficialização do namoro de C. e L. no Facebook

Segundo o informante relata:

Eu enviei a petição de oficializar o namoro para ela, foi uma coisa espontânea, algo que fiz sem pensar, e ela aceitou, já hoje em dia pensaria melhor antes de fazer algo assim.

A respeito desse processo de *disclosure*, o antropólogo Daniel Miller comenta na sua obra *Tales from Facebook* como a exteriorização de alguns sentimentos íntimos na rede

torna-se uma faca de dois gumes que em algumas ocasiões termina afetando a pessoa que se revela para sua rede de contatos. No caso aqui analisado vemos como L., depois de ter enviado a petição de oficializar o namoro virtualmente para C., achou-se numa situação de desconforto ao ter que “desfazer” essa oficialização uma vez que o namoro acabou por razões alheias a conflitos virtualmente gerados. Assim como Miller aponta:

O desconforto que deriva de Facebook é quase sempre uma consequência do jeito em que sentimentos e ações transitorios, uma vez inscritos em textos, terminam tendo efeitos não intencionais a longo prazo (MILLER, 2011, p.175).

Por outra parte, ao analisar as postagens realizadas por C. na sua *timeline* observamos que, para além das declarações realizadas por ela nas entrevistas onde afirmava não se interessar por exteriorizar nada sobre seu relacionamentos na rede, identificamos que durante o período de namoro com L. ela não teve um comportamento evasivo; pelo contrário, com certa frequência publicava textos, comentários próprios ou trechos de outras pessoas as vezes acompanhadas de imagens do próprio casal, em sua maioria. Dessa maneira deparamo-nos, enquanto pesquisadoras, com a realidade descrita por Kosinski no seu trabalho *Facebook as a research tool*:

[...] pesquisadores tem pouco ou nenhum controle sobre as circunstancias nas quais o estudo está sendo realizado, de modo que resulta possível que alguns participantes se envolvam simultaneamente em outras atividades além da pesquisa [...] a falta de contato cara-a-cara aumenta a distância psicológica entre o pesquisador e seus participantes, o que pode diminuir o sentimento de responsabilidade dos últimos. (KOSINSKI, 2016, p. 70).

No caso de C., não temos como afirmar que o seu grau de engajamento com a pesquisa foi pouco ou se a incoerência que detectamos entre sua fala e seu comportamento “real” no Facebook foi resultado da sua vontade por se mostrar indiferente a uma realidade que a afetou emocionalmente: o término do namoro. Os pesquisadores que fazem etnografias em ambientes virtuais deparam-se frequentemente com essas atitudes atreladas ao imperativo da felicidade (FREIRE FILHO, 2010), à ideia de que o que “contamos”, já seja na nossa *timeline* ou mediante uma entrevista, tem de ser uma mensagem positiva, uma mensagem que nos coloque em posições vantajosas e de superioridade com relação ao outro, nesse caso o parceiro sentimental.

No tempo que namorou com L., C. usava o Facebook para fazer declarações indiretas de amor e, usualmente, como um meio para reclamar sobre coisas que não gostava do comportamento do seu parceiro:

[...] quando escrevo algo no Facebook normalmente o faço de um modo um tanto críptico, como se o comentário fosse dirigido só para os implicados no evento; embora geralmente não costumo marcar ninguém. Acho que faço isso para gerar um

efeito de cumplicidade e ver as leituras engenhosas que os outros podem obter de uma postagem *sem contexto*.

Assim como ela declarava nas entrevistas, as postagens de C. tinham um tom principalmente provocador, procurando atingir o parceiro e fazê-lo participar dos seus sentimentos e preocupações em relação ao namoro. A rede era a ferramenta que lhe permitia desabafar e chamar a atenção dele fazendo uso de mensagens subliminais ao mesmo tempo que se pensava a si mesma, tratando-se assim de um processo de construção virtual auto reflexivo (GIDDENS, 2002). As postagens de L., por sua parte, buscavam a maior parte das vezes demonstrar a ela seu amor incondicional e quão importante esse sentimento estava sendo para ele. Notamos especialmente uma vontade por expressar à rede de contatos que ambos tinham em comum que ela era uma parte essencial na sua vida e para isso fazia postagens constantes na *timeline* de C. onde a mensagem de fundo recorrente era a ideia de ambos como um complemento do outro, como podemos perceber nas imagens que seguem:



Figura 3. Postagens realizadas por L. que refletem sua visão do relacionamento baixo o prisma do amor romântico.

Aqui vemos uma construção social do ideal do amor romântico através da virtualidade, a ideia de que um não está completo sem o outro e como esse amor foi o que sempre procuraram na vida, algo assim como uma missão vital. Normalmente a iniciativa de postar esse tipo de mensagens partia dele, C. limitava-se a comentar, expressando assim sua cumplicidade, mas quase sempre desde uma posição reativa e não proativa. Essa conceição do amor romântico, entendido como aquele jeito único de assumir um relacionamento onde ambas partes são a peça chave para completar ao outro, confirma-se nas narrativas virtuais de L. através das imagens e textos que publicava para provocar

algum efeito em C. Seguindo esses discursos, podemos afirmar que a construção coletiva que L. fazia virtualmente do seu sentimento por C. estava baseada na compreensão do amor como “[...] a condição fundamental para o nascimento ontogênico da pessoa” (ALMEIDA E CAIXETA, 2007, p. 128). Entender o romantismo é importante não só para analisar como mudou a relação das pessoas com elas mesmas, mas também para nos colocar em um contexto onde as estruturas subjetivas e volitivas se modificaram, fazendo do indivíduo um ser cuja imaginação é altamente valorizada como fator indispensável para alcançar o prazer.

A este respeito, Campbell (2001) aponta a emergência desse ideal de consumo moderno visto como um tipo de hedonismo auto ilusivo, que para ele “caracteriza-se por um anseio contínuo de experimentar na realidade os prazeres criados e desfrutados na imaginação” (CAMPBELL, 2001). Antes de termos começado nosso trabalho de levantamento de dados para a pesquisa, o namoro de L. e C. terminou por razões alheias aos embates da rede. Neste caso, embora o Facebook não constituiu o detonador do término do relacionamento, muitos dos conflitos que afetaram o casal foram gerados desde ali: ciúmes causados por interações públicas e privadas com ex de ambos, conversas via chat com pessoas do sexo oposto, entre outros comportamentos que envolviam o ambiente virtual foram provocando brigas cada vez mais frequentes entre eles, em detrimento da sua parceria.

A respeito disso, L. comentava:

A pior coisa que pode acontecer em um relacionamento é saber a senha da outra pessoa. Ninguém é capaz de carregar semelhante peso e ser totalmente frio. As pessoas, embora te amem, gostam do jogo de se sentirem desejados e nesta rede (Facebook) isso é quase um hábito; eu tenho comprovado isso por mim mesmo e pelas coisas que alguns amigos me contam, eles também amam muito suas parceiras mas “brincar” virtualmente com outras não resulta tão grave assim. É um modo de se sentir desejado, a gente curte isso. Quando passa o tempo a gente se dá conta que o melhor que pode acontecer em um relacionamento é cada um respeitar o espaço individual do outro na rede e dentre as coisas “proibidas” a fazer e mexer no perfil do parceiro procurando um passado que pode estar vivo ainda através de fotos, mensagens, postagens que nunca foram deletadas, entre outras coisas que podem te predispor.

Em estudo realizado tendo como objeto 237 estudantes de psicologia nos Estados Unidos, Muscanell e Balew (2011) constataram que a totalidade deles declarou ter se deparado com algum tipo de situação ciumenta no Facebook, mesmo na posição de alvo quanto na de testemunhas. O trabalho consegue mostrar como as redes sociais estão também se tornando um ambiente onde as agressões indiretas tomam lugar; entendendo-as como manifestações onde rumores, fofocas e ciúmes excessivos desempenham um rol

decisivo no curso de relações romântico-afetivas essencialmente. No caso que aqui analisamos, momentos de conflito no relacionamento deixavam-se entrever por meio de postagens que ambos faziam para atingir ao outro, mesmo sem deixar claro o alvo do texto publicado. Outra das estratégias utilizadas por L. para chamar a atenção de C. quando o relacionamento atravessava por algum momento de crise era usar algumas pessoas das quais sabia que C. sentia ciúmes a causa das frequentes interações que ele mantinha na rede com as mesmas, para curtirem ou comentarem suas postagens e assim “cutucar” indiretamente a C. mexendo nos seus pontos de insegurança mais fortes; segundo ele mesmo declarou nas entrevistas. Uma possível leitura deste comportamento nos faz entender que ao se sentir inseguro, L. procurava ativar freneticamente essas mesmas sensações em C. e seu jeito de lidar com isso era precisamente fazendo com que o parceiro se colocasse nessa posição desvantajosa na qual ele encontrava-se.

A necessidade de L. de que C. soubesse e fosse plenamente ciente de que ele era objeto de desejo de outras pessoas além dela levou-o a usar as potencialidades oferecidas por Facebook para provocar ciúmes nela e usar a rede como cúmplice da sua performance, da mensagem que de maneira premeditada construiu para atingi-la, e esse comportamento foi se repetindo em diversas ocasiões durante o namoro. Alguns meses depois de terminar o relacionamento com C., L. começou namorar de novo e mais uma vez a existência de uma nova pessoa na sua vida sentimental se fez visível através da sua *timeline* do Facebook. De repente monte de postagens de conteúdo romântico explícito encheram seu perfil fazendo do novo relacionamento com A. o protagonista da sua narrativa virtual.

As estratégias iniciais adotadas por L. para performar essa nova etapa da sua vida começaram quando decidiu mudar sua foto de perfil e capa, como uma espécie de tentativa de renovação dos seus elementos de apresentação virtuais básicos. Ao entrevistá-lo, L. afirmava que nessa nova experiência amorosa procurava não cometer os mesmos erros que cometeu no seu relacionamento com C. ao se precipitar oficializando o namoro através da rede. Uma vez que seu relacionamento com C. terminou foi difícil para ele ter que eliminar esse evento do Facebook, de maneira que, segundo ele: “dessa vez, estou me pensando melhor as coisas antes de fazê-las”. O relacionamento com A. está, sem dúvidas, tendo uma cobertura importante na *timeline* de L., e vice-versa. Eventos em comum, festas, reuniões que compartilham enquanto colegas e além parceiros sentimentais, são diariamente postados no Facebook como uma maneira de ambos se dizerem “te amo”, ainda indiretamente. Ao respeito disso L. comentava: “[...] eu já disse te amo para A. em privado,

mas no Face é outra coisa, é muito cedo para dizer algo tão forte assim na frente de tantas pessoas”.

Essa reticência de L. em expressar seus sentimentos livremente neste novo relacionamento deve-se, como constatamos através das entrevistas, ao medo de ter que atravessar novamente pelo trauma do relacionamento não dar certo e ele ter que lidar depois com os recursos de ativação de lembranças recentemente estreados pelos criadores da rede social; do mesmo jeito que lhe aconteceu depois da ruptura com C:

Facebook tem desempenhado um papel importante na incorporação de *um dia como hoje*...quando passa o tempo alguns acontecimentos que a gente compartilha na rede são lembrados por ela, o que na maioria dos casos é bom mas quando trata-se de ex relacionamentos não é engraçado não.

O caso analisado nos mostra quão importante está sendo para os sujeitos o modo em que gerenciam sua intimidade amorosa na virtualidade; não sendo a rede um simples espaço de publicações aleatórias, mas sim um ambiente *outro* através do qual outorgamos legitimidade a certos sentimentos e acontecimentos da nossa vida privada e construímos experiências que complementam e fazem parte da nossa maneira particular de viver o amor.

Considerações Finais

O estudo deste caso em particular nos permitiu chegar até algumas considerações parciais que, na continuação da pesquisa, iremos discutir: em primeiro lugar, a observação das postagens realizadas por L. e C. demonstram como os comportamentos virtuais dos indivíduos são influenciados pelos do parceiro sentimental, se estabelecendo assim entre eles uma espécie de “síndrome do espelho” que os coloca muitas vezes em posições de reatividade: “se ele-ela posta alguma coisa sobre nós, então eu também posto” e isso está atrelado à ideia de que a visibilização de conteúdos nas redes constituem atos para outorgar legitimidade a estes. Se o relacionamento é *publicizado*, então ele existe e é valorizado.

Paralelamente, constatamos o impacto que experiências prévias de namoros onde a virtualidade tem desempenhado um papel vital no relacionamento funcionam como mediadoras do jeito como os sujeitos lidam com situações similares. Assim o comprovamos ao perceber no comportamento virtual de L. uma certa reticência em relação à exteriorização dos seus sentimentos por A.; causado essencialmente pela experiência anterior com C., onde a *publicização* do namoro na virtualidade foi consideravelmente mais intensa e conseqüentemente mais traumática ao ter que lidar depois com as lembranças de

uma parceria que não deu certo e cujo registro virtual está permanentemente disponível nas plataformas onde foi publicizado.

Outro dos comportamentos que resultou interessante ao mapear essas questões foi o fato de termos notado no discurso dos informantes uma certa incoerência que saltou aos olhos a partir da triangulação das fontes de dados: entrevistas e análise do conteúdo. Ao entrevistar C. percebemos na sua fala uma atitude quase indiferente em relação ao uso das redes para partilhar sentimentos e acontecimentos íntimos atrelados ao namoro com L. Porém, deparamo-nos com uma realidade bem distinta ao analisar sua *timeline* e as postagens que durante o relacionamento ela realizava, como descrevemos no apartado anterior.

Seguindo uma perspectiva etnográfica, consideramos sempre uma possibilidade o fato dos informantes construírem seu discurso em função do que relatar uma experiência íntima (no caso traumática) para um pesquisador poderia significar, ainda mais na virtualidade, tendo em conta que todos os contatos com os informantes foram realizados online através de chats e e-mails e valorando a proximidade na qual eles poderiam se sentir se partimos do fato de que o pesquisador faz parte da sua rede de contatos pessoal. Ainda assim, não consideramos isto um resultado ilegítimo, ao contrário. Acreditamos que a *performatização de si* realizada por C. até no momento de fazer um depoimento sobre sua experiência de namoro na virtualidade confirma a premissa da importância que tem para os indivíduos construir discursivamente uma verdade para que a mesma se torne “real”.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, T.; CAIXETA, H. A importância e a banalização do amor no cotidiano. **Anais da V Jornada “Apoiar: Saúde mental nos ciclos da vida”**. São Paulo, 2007.

AMARAL, A.; RECUERO, R.; FRAGOSO, S. **Métodos de pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

BACALLAO, L. Dating or Escaping? Cuban profiles in dating websites. **Online Courtship**. Interpersonal interactions across borders. Institute of Network Cultures. Amsterdam, 2015.

BAUMANN, Z. **A sociedade individualizada**. Vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BELLI, S. Emociones y Discurso: Una mirada a la narrativa científica de la construcción del amor. **Prisma Social**, n. 4, 2010.

BEN ZE'EV, A. **Love online**. Emotions on the Internet. London: Cambridge University Press, 2009

BEZERRA, B. Ocaso interioridade. In: PLASTINO, C. (Org). **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.

BOYD, D. Social Network Sites: Public, Private, or What?. **Knowledge Tree 13**, May 2007. Disponível em: http://kt.flexiblelearning.net.au/tkt2007/?page_id=28.

BOYD, D. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. In: PAPACHARISSI, Z. (org.). **Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites**. New York, 2010.

CAMPBELL, C. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CAMPBELL, L; BOLDRY, J; SIMPSON, J.A; KASHY, D. Perceptions of Conflict and Support in Romantic Relationships: The Role of Attachment Anxiety. **Journal of Personality and Social Psychology**, Vol. 88, No. 3, pp. 510–531, 2005.

FARRUGIA, R. **Facebook and relationships: a study of how Social Media use is affecting long-term relationships**. Rochester Institute of Technology. New York, 2013.

FREIRE FILHO, J. Fazendo pessoas felizes: o poder moral dos relatos midiáticos. Artigo apresentado no **XIX Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação (Compós)**. Rio de Janeiro, 2010.

GALINDO CÁCERES, J. Las Nuevas Tecnologías de Información, Comunicación y las Políticas Culturales en México. *Comunicología e Ingeniería en Comunicación Social del servicio de Redes Sociales Facebook*. **Razón y Palabra**, México, D.F, 2013.

GARCIA RIVERA, L. Influencia del Facebook em la relación de pareja. **Educatconciencia**, vol. 4, n. 4, 2014.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes. Rio de Janeiro, 2009.

HINE, C. **Etnografía virtual**. México: Editorial UOC, 2000.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

- JAGUARIBE, B. Modernidade cultural e estéticas do realismo. **Revista Eco-Pós**, 2009.
- JILL, J. **Modern Confessional Writing**. New critical essays. London: Routledge, 2006.
- KOSINSKI, M.; et. al. Facebook as a Research Tool for Social Sciences. **American Psychological Association**, Washington D.C, 2015.
- KRASHNOVA, H. It won't happen to me: Self Disclosure in Online Social Networks. **Associations for Information Systems**, 2009.
- LANE, S; CODO, W. **Psicologia Social**. O homem em movimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- MILLER, D. **Tales from Facebook**. Cambridge: Polity Press, 2011.
- NAVARRO LINS, R. **O livro do Amor**. Do iluminismo à atualidade. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.
- POLIVANOV, B. **Dinâmicas identitárias em sites de redes sociais**: estudo com participantes de cenas de música eletrônica no Facebook. Multifoco: Rio de Janeiro, 2014.
- RADSTONE, S. **Autobiographical Times**. Feminism and Autobiography. Texts, Theories, Methods. London: Routledge, 2000.
- ROCHA, E. Culpa e prazer: imagens do consume na cultura de massa. **Comunicação, Mídia e Consumo**, vol. 2, n. 3, pp.123-138, 2005.
- ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempos de globalização. In: LINS, D. (org.). **Cultura e subjetividade**. Saberes Nômades. Campinas: Papyrus, 1997.
- SCHECHNER, R. What is performance studies? **Rupkatha Journal**, vol. V, n. 2, 2013.
- SIBILIA, P. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- TURKLE, S. **The Second Self**. Computers and the human spirit. Cambridge: The Mitt Press, 2005.